

# Intercâmbio e internacionalização sob lentes do Sul Global: aprendizagem de espanhol e outros saberes

*Exchange and internationalization under the lens of the Global South: learning Spanish and other knowledge*

**Tatiana Lourenço de Carvalho**  

tatianacarvalho10@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

**Jackeline Susann Souza da Silva**  

jackelinesusann@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a análise de narrativas autobiográficas referentes a experiências de intercâmbios vividas por duas professoras-pesquisadoras no doutorado em uma universidade da Espanha no âmbito da aprendizagem e apropriação da língua espanhola e outros saberes. Neste sentido, o planejamento e a execução deste trabalho se deram, inicialmente, no diálogo das pesquisadoras sobre internacionalização, através de um minicurso, com estudantes vinculados à licenciatura em Letras - Língua Espanhola, e durante uma mesa-redonda em uma Semana Universitária, com alunos de diferentes cursos e instituições de ensino, além do público externo em geral, durante o ano de 2021. Para fomentar o registro desses diálogos e a realização deste estudo, utilizamos a metodologia de narrativas autobiográficas, de caráter informativo-descritivo, para coletar os relatos das experiências internacionais por meio dos diários de campo das duas professoras-pesquisadoras em questão, abordando as dimensões de ingresso e permanência na formação doutoral no exterior. Os resultados da pesquisa indicam, entre outros aspectos, que o financiamento da formação acadêmica no exterior é uma dimensão importante, pois interfere em diferentes sentidos, em particular, na escolha do destino, sobretudo para acadêmicos de baixa renda. Além disso, as narrativas de estudantes do Sul Global remetem a aprendizagens distintas durante o intercâmbio (língua estrangeira, currículo, história, geografia, cultura etc.), bem como constituem-se em ponto de referência para análises de políticas públicas e práticas de internacionalização.

## Palavras-chave

Internacionalização. Intercâmbio. Língua espanhola. Aprendizagens diversas. Ensino superior.

## Abstract


This article presents the analysis of autobiographical narratives referring to exchange experiences lived by two professors-researchers in their doctorate at a university in Spain in the context of learning and appropriation of the Spanish language and other knowledge. In this

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 31/05/2022

Aprovação do trabalho: 27/07/2022

Publicação do trabalho: 19/08/2022

 10.46230/2674-8266-14-8372

## COMO CITAR

CARVALHO, Tatiana Lourenço de; SILVA, Jackeline Susann Souza da. Intercâmbio e internacionalização sob lentes do Sul Global: aprendizagem de espanhol e outros saberes. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.1, 2022. p. 115-136. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8372>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

sense, the planning and execution of this work took place, initially, in the dialogue of the researchers on internationalization, through a mini-course, with students of Letters - Spanish Language, and, during a roundtable conference in a University Week, with students from different courses and educational institutions, in addition to the general public, during the year 2021. To encourage the recording of these dialogues and the realization of this study, we used the methodology of autobiographical narratives, of informative-descriptive character, to collect the reports of international experiences through the field diaries of the two professors-researchers in question, addressing the dimensions of entry and permanence in doctoral training abroad. The research results indicate, among other aspects, that the financing of academic training abroad is an important dimension, as it interferes in different ways, in particular, in the choice of destination, especially for low-income academics. In addition, the narratives of students from the Global South refer to different learning experiences during the exchange (foreign language, curriculum, history, geography, culture, etc.), as well as constituting a reference point for analyzes of public policies and internationalization practices.

**Keywords**

Internationalization. Exchange. Spanish language. Diverse learning. University education.

## Introdução

O trabalho em questão tem como objetivo apresentar a análise de narrativas autobiográficas alusivas a experiências de intercâmbios vividas por duas professoras-pesquisadoras no âmbito da aprendizagem e apropriação da língua espanhola e outros saberes, durante o doutorado em uma universidade da Espanha. As reflexões presentes aqui partem da importância de fortalecer o ensino e a aprendizagem de forma engajada, priorizando aspectos socioculturais, indissociáveis do contato com um idioma estrangeiro, já que não é raro deparar-nos com uma visão reducionista quanto ao estudo de uma língua, restringindo-o apenas a estruturas linguísticas.

Além do mais, por acreditarmos que a internacionalização na educação linguística é um importante princípio formativo no desenvolvimento tanto de estudantes como de professores em contexto universitário – a fim de promover o conhecimento, bem como a formação integral e multicultural nos níveis de ensino, pesquisa e extensão – concordamos com Fadanelli e Silva (2022), quando estes defendem que a internacionalização, em contextos educacionais, deve ter em vista a produção e a divulgação do conhecimento com parceiros de outros países, de forma a contribuir para a erradicação das desigualdades de forma global. Com esse propósito, buscamos oferecer informações de forma contextualizada da formação no exterior, inicialmente, socializando-as com estudantes do curso de graduação em Letras - Língua Espanhola, durante um minicurso de extensão, e aos demais alunos de outros cursos e à comunidade externa, durante a Semana Universitária da mesma universidade pública, ambos os eventos ocorridos no primeiro e no segundo semestre de 2021, respectivamente. A partir dessas experi-

ências, motivadas pelas perguntas dos participantes discentes e da comunidade em geral, surgiu a ideia da escrita deste trabalho.

A relevância do estudo aqui apresentado deve-se, entre outros aspectos, ao fato de as atividades relacionadas à realização de intercâmbios e internacionalização nas instituições brasileiras ainda estarem, em certa medida, em fase inicial de implantação, com pouca adesão às ações práticas existentes, se considerarmos a totalidade de alunos matriculados nas universidades públicas.

No entanto, durante a pandemia da Covid-19, observamos que houve aumento dessas atividades, se considerarmos a ampliação da adesão de intercâmbios universitários em função do aumento das interações virtuais que possibilitaram ou, pelo menos, promoveram certa curiosidade por experiências acadêmicas de internacionalização. As relações acadêmicas entre profissionais de diferentes universidades, entre elas as sul-americanas, aumentaram em virtude da relativa facilidade de comunicação virtual.

Ademais, a necessidade de realização deste trabalho está atrelada ao fato de que as experiências docentes da primeira autora deste artigo, como professora de espanhol, nos fizeram perceber a carência de acesso a informações sobre intercâmbio e internacionalização dentro de uma universidade pública.

Diante do exposto, como forma de criar um espaço para o debate e o acesso a dados sobre intercâmbio e internacionalização, o minicurso intitulado *Espanhol: Língua e Cultura* foi realizado como parte de um projeto de extensão, vinculado ao curso de Letras - Língua Espanhola do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) de uma universidade pública brasileira, com a participação de convidados intercambistas de diferentes países hispanofalantes. Vale a pena ressaltar que, por conta do distanciamento social durante a pandemia, o minicurso ocorreu, mais concretamente, entre fevereiro e maio de 2021, por meio de videoconferências no *Google Meet*. Essas experiências só foram possíveis de forma online, uma vez que, além da pandemia, os convidados não eram residentes na cidade onde está localizada a referida universidade.

Outro evento que serviu de espaço para o debate sobre a internacionalização, de forma mais concreta, na mesma instituição de ensino superior (IES) foi a mesa-redonda intitulada *Desafios da internacionalização de estudos na formação universitária*, realizada em outubro de 2021 durante a Semana Universitária da mesma universidade, pelo mesmo motivo da pandemia, através de transmissão ao vivo pelo *YouTube*. Na ocasião, também havia debatedores de diversas universidades de estados e regiões diferentes do país.

Destacamos que durante os eventos mencionados anteriormente e a par-

tir das perguntas dos participantes ficou perceptível que apesar de as ações de internacionalização terem aumentado durante a pandemia, inclusive com a possibilidade de realização de disciplinas em outras universidades de forma online, o público em geral pouco sabia sobre essas opções de estudo.

Levando em conta essa breve contextualização, o presente artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos reflexões sobre os aspectos culturais, envolvendo a aprendizagem da língua espanhola. No segundo momento, o texto foca na diferenciação entre intercâmbio e internacionalização, trazendo as diretrizes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Na terceira seção, caracterizamos os procedimentos metodológicos do estudo. Por fim, apresentamos as narrativas das duas professoras universitárias brasileiras, frente a suas experiências como estudantes de doutorado.

## **1 Espanhol: língua e cultura**

Língua e cultura estão interligadas e é a partir desse princípio que nas disciplinas de língua de um curso de Letras - Língua Espanhola, como professora desse idioma em um âmbito acadêmico universitário, a primeira autora deste trabalho decidiu convidar e contar com a colaboração da segunda, educadora com experiência internacional em redes de pesquisa e consultorias na área de educação para, juntas, realizarem este manuscrito, que trata de uma abordagem intercultural do ensino e aprendizagem em contexto internacional. Essa concepção foi o que também motivou as pesquisadoras em questão a vivenciarem a experiência do intercâmbio em estudos de capacitação docente e de pós-graduação em nível de doutorado no exterior.

De forma mais específica, a língua espanhola possibilita a comunicação com pessoas de diferentes países do mundo, de forma mais concreta, 21 (vinte e uma) nações têm esse idioma como oficial. Todas elas, certamente, têm tradições literárias e culturais diferentes, que são constantemente ampliadas e estudadas por várias pessoas, inclusive moradores de outros países, em um mundo cada vez mais globalizado e, especialmente, em contextos de intercâmbio. Portanto, quando mencionamos as culturas relacionadas ao idioma em questão, nos referimos às diferentes formas de imprimir significado aos signos que compõem o que se convencionou chamar de língua espanhola. Isso conseqüentemente afeta a forma de ensinar e aprender o espanhol fora dos países que o têm como língua materna. Nesse sentido, e com o foco na abordagem intercultural, acreditamos que:

A compreensão desta proposta de ensino de ELE<sup>1</sup> requer, por parte dos professores e alunos, a superação ou desconstrução de dois mitos: a ideia de que o ensino de uma língua estrangeira (doravante LE) pode ser feito de modo limitado e descontextualizado, deslocando o ensino de cultura do ensino de língua, e a crença de que é homogênea a língua utilizada pelos falantes nativos do idioma, havendo apenas duas variantes estanques: a peninsular e a americana (ANDRADE; SEIDE, 2016).

Baseando-nos na citação anterior e na premissa de que o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira devem compreender língua e cultura como componentes indissociáveis, acreditamos e buscamos praticar a pluralidade no ensino de idiomas. Assim, nos respaldamos em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), pois mesmo que nosso estudo tenha se dado em contexto de discussão universitária, o foco dos debates recai, primordialmente, na pertinência da temática para a formação de futuros professores que atuarão, possivelmente, na educação básica.

De acordo com as propostas e os objetivos didáticos presentes nos PCN, observamos que o documento aborda o desenvolvimento das habilidades – compreensão e produção escrita, concernentes ao ensino e aprendizagem de línguas. Além do mais, concentra-se em aspectos semânticos com enfoque sociointeracionista, cujas concepções de linguagem e de aprendizagem baseiam-se nas teorias de Bakhtin, que concebem “a língua como discurso dialógico em que todo encontro interacional é crucialmente marcado pelo mundo social que o envolve: pela instituição, pela cultura e pela história” (BRASIL, 1998, p. 27). Tem-se, portanto, como principal pilar teórico que sustenta o processo de ensino e aprendizagem de idiomas o enfoque sociointeracionista de linguagem e de aprendizagem. Nessa abordagem, a língua é concebida como fato social, no qual o discurso se constitui numa perspectiva dialógica, em que o aprendiz se envolve na construção social do significado.

Considerando-se as diretrizes presentes nos PCN, espera-se que o aluno, através do engajamento discursivo, constitua-se como parte integrante de um mundo plurilíngue e que, a partir do encontro com o outro e sua alteridade, possa refletir sobre sua própria realidade, agindo socialmente e intervindo construtivamente para uma sociedade mais igualitária e, conseqüentemente, pluricultural e plurilíngue.

No que se refere à proposta para o ensino de língua estrangeira da Base

---

1 ELE - Espanhol como língua estrangeira.

Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), último documento nacional publicado com diretrizes acerca dos conhecimentos e habilidades essenciais aos estudantes brasileiros durante sua trajetória escolar, mais especificamente na área de linguagens, afirma-se que o trabalho com cada um dos componentes curriculares que compõem essa área deve possibilitar a compreensão do mundo em que vivemos com vistas a acolher a pluralidade e a dinamicidade das práticas linguísticas, artísticas e culturais (BRASIL, 2017).

Concebe-se, portanto, conforme a BNCC, um ideal de ensino culturalmente sensível, em que se deve considerar a presença do outro, além das diferentes maneiras de ser e conceber o mundo. É no encontro com a diversidade que os estudantes podem aprender a lidar com o diferente e com o novo, uma capacidade valorizada no mundo contemporâneo, nas relações de convivência pessoal e de trabalho colaborativo. Caberá, então, aos docentes, buscar desenvolver práticas pedagógicas que proporcionem oportunidades para que os estudantes se encontrem com novas formas de expressão, com visões de mundo distintas das suas, podendo, assim, redimensionar e reconfigurar o seu próprio contexto na interlocução com o que se constrói nessa outra língua.

Considerando-se a ideia de que o ensino da língua não pode estar separado da cultura dos países que a tem como idioma materno, corroborando o expresso nos documentos oficiais brasileiros aqui mencionados, vale destacar que a ideia de levar a temática sobre intercâmbio de estudos e internacionalização para o minicurso de extensão e a mesa-redonda referidos anteriormente surgiu a pedidos dos próprios alunos. Alguns deles, na ocasião do primeiro encontro do minicurso, questionaram sobre como vivenciar experiências educativas no exterior sem ter bolsa de estudos ou qualquer auxílio financeiro, por exemplo. A partir dessa provocação dos discentes, a segunda autora deste artigo foi convidada a participar de um debate com a proponente do minicurso em questão acerca das vivências durante o intercâmbio de estudos na Espanha. Os resultados dessa experiência serão tratados em detalhes mais adiante. Antes, convém comentar acerca da importância do intercâmbio e da internacionalização para as instituições brasileiras de ensino superior.

## **2 Intercâmbio e internacionalização**

O termo “internacionalização” é utilizado nas políticas institucionais das universidades em âmbito mundial e significa investir, total ou parcialmente, na formação em nível técnico, superior (graduação e pós-graduação), aperfeiçoa-

mento nas áreas do currículo, na cooperação científica (programas, projetos ou publicações), na imersão cultural ou em outras atividades acadêmicas desenvolvidas em país estrangeiro.

A internacionalização da carreira é uma estratégia de qualificação científica e profissional frente aos desafios do mundo globalizado. Algumas das vantagens de optar pela experiência internacional são: ampliar as redes de contatos com investigadores de outras partes do mundo, criar canais para a pesquisa colaborativa, acessar novos referenciais e métodos, aprofundar ou iniciar-se na aprendizagem de idioma(s), conhecer lugares históricos, conviver e trocar experiências com pessoas de outras culturas, além de difundir conhecimentos, também provenientes de seu país de origem, valores e percepções de mundo em espaços acadêmicos e não acadêmicos até então desconhecidos.

Além desses aspectos estimuladores de aprendizagens, Moraes e Leal (2021) reconhecem que o fenômeno da internacionalização na educação superior é cada vez mais comum, mas que é preciso refletir sobre tais políticas e ações institucionais frente ao contexto complexo de globalização, hegemonia cultural e colonialismo. Para os autores, a internacionalização é um lugar de relações de poder e, conseqüentemente, de desigualdades nas relações Norte-Sul. Existe um imaginário dominante ocidental acerca dos valores legitimados de ser e saber, que interfere nas dinâmicas acadêmicas e nas relações entre países, que, por isso, revelam-se assimétricas.

Por sua vez, associada à internacionalização está a palavra “intercâmbio”, que segundo o dicionário da *Oxford Languages* (2021) significa reciprocidade nas relações sociais, culturais, comerciais e outras em âmbito local e internacional. No contexto acadêmico, o intercâmbio caracteriza-se pela experiência em uma instituição diferente da qual o discente ou o professor está vinculado. A instituição receptora pode ser de outro país ou mesmo de outra região nacional. O intercâmbio é a estratégia central da internacionalização. Esta última, por sua vez, tem dimensões mais amplas do que o intercâmbio, pois envolve grupos de pesquisadores, convênios para a cooperação entre instituições nacionais e internacionais, financiamentos, programas de graduação e pós-graduação e plano de ação estratégico, elaborado em âmbito institucional.

O intercâmbio acadêmico no exterior pode acontecer de maneira autônoma, por meio da iniciativa dos próprios estudantes ou professores – na busca por bolsas de estudos para a experiência no país estrangeiro em diferentes níveis e áreas da formação acadêmica. Já a internacionalização ocorre por meio da iniciativa das próprias universidades na elaboração de plano estratégico que oportuni-

ze experiências internacionais à comunidade acadêmica e também abra espaço para receber professores e estudantes estrangeiros nas instituições brasileiras.

É importante ressaltar que, quando o intercâmbio ocorre de maneira autônoma, o estudante ou o professor é quem decide em qual área acadêmico-profissional vai investir, qual o país de destino e o idioma que pretende aprender ou aperfeiçoar, assim como é o intercambista quem assume a responsabilidade de entrar em contato com os professores estrangeiros e estabelecer diretamente acordos com a instituição internacional. Por outro lado, no Brasil, quando a internacionalização acontece por meio da iniciativa institucional, a universidade brasileira é a mediadora da cooperação estrangeira. Nesse caso, é provável que haja convênio ou plano de ação que conduza o processo de intercâmbio, podendo, inclusive, existir financiamentos e bolsas de estudos para estudantes e professores que se vinculam aos projetos conveniados.

Um ponto de reflexão digno de comentário é que a palavra “intercâmbio” se aproxima da perspectiva intercultural, pois seu significado remete a trocas *iguais* de saberes, de experiências, de valores de diferentes pessoas ou grupos, sem que aparentemente exista relação de subalternidade e dominância entre estrangeiro e nativo. No entanto, seja por meio do intercâmbio, seja via política institucional de internacionalização da educação superior, há contradições nas formas como as vivências internacionais operam em países do Sul e do Norte Global, pois existem beneficiários nesse processo.

Portanto, conforme se observa, há interesses econômicos na forma de capital humano que perpassam políticas e ações educacionais a partir da centralidade e do controle dos países receptores do Norte, uma vez que estes passam a legitimar a ideia do intercâmbio como forma de “solução” tecnológica, científica e empírica para superar os dilemas sociais e educacionais do Sul.

Alinhando-se à retórica internacional e para orientar as instituições de educação superior brasileiras nas ações de mobilidade internacional, a Capes lançou o *Guia para Aceleração da Internacionalização Institucional: Pós-Graduação Stricto Sensu* (BRASIL, 2020). Esse documento reúne orientações para gestores e acadêmicos que institucionalmente devem atuar na aplicação de ações para a internacionalização, com o foco em grupos de pesquisa e projetos que estejam alinhados à cooperação internacional, bem como tenham interesse de estabelecer parcerias estratégicas com gestores e pesquisadores estrangeiros que possam fortalecer mutuamente os programas *stricto sensu* nacionais e internacionais.

O texto desse documento oficial enfatiza os seguintes objetivos específi-



cos da ação de internacionalização nos programas de mestrado e doutorado no Brasil:

- Evoluir da simples mobilidade acadêmica para o desenvolvimento de projetos cooperativos em âmbito internacional, de conhecimento diplomático, de universidades de classe mundial e de acesso (ou aquisição) a bases tecnológicas mais sofisticadas, encurtando o caminho para o desenvolvimento econômico nacional;
- Ampliar as possibilidades de envolvimento e de financiamento internacional de pesquisas, as possibilidades de publicação, citação e as de patenteamento internacional de produtos, ideias e desenhos;
- Integrar atividades de internacionalização institucionais fragmentadas e desconexas e orientar investimentos e esforços de internacionalização, de forma integrada e compreensiva, visando à construção e reforço de competências centrais da instituição (BRASIL, 2020, p. 7).

Como é possível notar, o guia da Capes é uma iniciativa que visa fortalecer a internacionalização para que esta não seja apenas uma ação individualizada de pesquisadores ou de estudantes que realizam mobilidade acadêmica por conta própria, ou seja, o que se caracterizaria como experiências de intercâmbio. O diferencial da internacionalização está, principalmente, relacionado ao desenvolvimento econômico e tecnológico do país, de modo que as experiências internacionais sejam referências para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Para que isso aconteça, é preciso acelerar o processo de internacionalização das instituições do país a partir de quatro etapas, segundo orientações da Capes: i) conhecimento e compromisso; ii) implementação; iii) consolidação e iv) internacionalização plena. Nessas etapas, as instituições de educação superior brasileiras devem atender aos padrões internacionais de qualidade, contemplando os seguintes eixos: reputação pelo ensino; reputação pela pesquisa; influência científica (impactos das citações de pesquisadores nacionais em revistas internacionais); presença e colaboração internacional (BRASIL, 2020).

Apesar da importância que a internacionalização pode representar para o desenvolvimento de um país a partir da proposição governamental presente no documento oficial em questão, há de se considerar a existência de controvérsia em alguns pontos. Primeiramente, por ser ainda uma proposta genérica, com eixos que merecem aprofundamento – tal como o referente à “reputação pelo ensino”: o que significa, em termos concretos, uma instituição com reputação no âmbito da docência? Como medir essa categoria? Em segundo lugar, porque no texto não há atenção devida ao impacto da ciência (sobretudo, com relação às áreas de Ciências Humanas e Sociais) e do valor da experiência de imersão internacional, como, por exemplo, a vivenciada pelas autoras deste artigo, desas-

sociada de perspectiva econômica desenvolvimentista, do produtivismo científico e da abordagem puramente técnica e instrumentalista da contribuição dos acadêmicos e cientistas na aplicação da sua experiência de intercâmbio quando retornam ao Sul Global, no caso específico do estudo em questão, ao Brasil.

Vale ressaltar ainda a importância de fortalecer as relações com os países vizinhos da América Latina, internacionalização esta que daria grande projeção aos estudos em língua espanhola no Brasil, assim como os estudos em língua portuguesa nos países hispanofalantes do Sul Global. Essa e outras questões ainda carecem de maiores discussões e visibilidade em documentos oficiais sobre a temática da internacionalização nas instituições educacionais brasileiras, sobretudo as de nível superior. Por hora, atendendo ao propósito deste artigo, apresentaremos os procedimentos metodológicos do estudo, antes de passarmos aos relatos das experiências de intercâmbio de estudos na Espanha a partir das percepções de duas intercambistas deste Sul.

### **3 Procedimentos metodológicos do estudo**

Para contemplar o objetivo delimitado na presente pesquisa, optou-se pela abordagem metodológica de narrativas autobiográficas acerca de experiências de intercâmbio durante a formação doutoral de duas professoras-pesquisadoras brasileiras na Espanha. O estudo foi agrupado a partir dos seguintes eixos: i) teóricos: a indissociabilidade da cultura com a língua estrangeira e revisão dos conceitos de internacionalização da educação e ii) práticos: elementos experienciais do ingresso e da permanência no âmbito da formação no exterior com e sem bolsa de estudos.

A metodologia de narrativas autobiográficas é uma abordagem que permite explorar um tema ainda pouco popularizado como o intercâmbio e a internacionalização na formação acadêmica de docentes e discentes brasileiros. Por mais que a problemática delimitada careça de estudos, acreditamos que a pesquisa autobiográfica é pertinente para o trabalho em questão, pois vem ganhando destaque nas Ciências Humanas e Sociais devido à virada linguística e cultural, do início deste século, que impulsionou à redescoberta das vivências humanas e da intersubjetividade - uma vez que, hoje, as relações humanas podem ser reinterpretadas em seus diferentes sentidos (VENTURA; CRUZ, 2019). Portanto, as narrativas autobiográficas são elementos enriquecedores na pesquisa qualitativa, pois permitem repensar sobre as dinâmicas e arranjos culturais. Além do mais, elas:

[...] nos constituem como pessoas, como sujeitos, como identidades subjetivas. Mas não só. Narrativas nos constituem como espécie, como gênero humano, como mundo, como universo. E é a partir delas que damos significado ao mundo à nossa volta, seja considerando os aspectos filogenéticos ou ontogenéticos do gênero humano. A tese de Paul Ricoeur vai mais além, dizendo que é pela narrativa que damos sentido ao tempo, localizando nele a experiência humana. Diz o autor que o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal (VENTURA; CRUZ, 2019, p. 430).

Vale destacar, ainda, que a escolha da metodologia autobiográfica se deu em razão desse tipo de abordagem alinhar-se à ideia de formação de professores como um processo contínuo e cotidiano (VENTURA; CRUZ, 2019). As pesquisadoras envolvidas no estudo em questão exercem a docência no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão e, portanto, a internacionalização educacional contribui para ampliar saberes nas suas práticas cotidianas universitárias. Além do mais, assim como Ventura e Cruz (2019), acreditamos que as narrativas autobiográficas podem constituir-se em metodologia de estudo e formação docente, pois essas experiências situam-se em determinado tempo e espaço e, quando revisitadas de maneira crítica e analítica, ajudam a compreender o mundo e as relações sociais localizadas. Nesse contexto, o pesquisador *autointerpreta* para analisar o contexto das vivências sociais (BONDÍA, 2004).

No caso da presente pesquisa, cruzar narrativas sobre experiências de intercâmbio em um país estrangeiro é uma maneira de explorar tais vivências e, ao mesmo tempo, aprender a partir do que elas podem suscitar. A autocompreensão do que se vive, do que é contraditório ou daquilo que chama atenção nos eventos cotidianos a partir da interação de grupos situados em nacionalidades distintas conduziu, portanto, o ato de sistematização dos dados à luz de “processos cognitivos rememorativos e memorialísticos” na produção de diversos “gêneros orais e escritos autobiográficos” (VENTURA; CRUZ, 2019, p. 431) que emergiram no registro dos encontros com os discentes e ao longo da escrita do diário de campo pelas pesquisadoras durante e após a realização do minicurso e da mesa-redonda comentados na introdução deste artigo.

Assim, o diário de campo foi o instrumento de registro para a realização da presente pesquisa, uma vez que permitiu a escrita de relatos de fragmentos das vivências e dos eventos que marcaram a trajetória do intercâmbio. Optou-se, nesse momento do estudo, pela escrita espontânea, isto é, sem modelo ou estrutura previamente definidos, na qual cada professora-pesquisadora realizou seus

registros de maneira independente. Em outras palavras, as narrativas autobiográficas emergiram da exposição oral sobre o tema da internacionalização que ocorreu em caráter informativo-descritivo em dois momentos: (1) planejamento das rodas de conversas sobre internacionalização para o minicurso de extensão da graduação em Letras - Língua Espanhola e durante a mesa-redonda da Semana Universitária e (2) registro de dados gerados durante os debates nos dois eventos, nos quais a interlocução discente direcionou pontos da experiência internacional, por exemplo, a temática do acesso (ou não) a bolsas de estudo.

A coleta e análise dos dados da pesquisa se deu, portanto, a partir dos registros nos diários de campo, mais especificamente construídos por meio de informações dos participantes diretos e indiretos do estudo. Os participantes diretos são as professoras-pesquisadoras de universidades públicas brasileiras; ambas realizaram formação plena do doutorado em uma universidade espanhola, uma na Faculdade de Filologia e outra na Faculdade de Educação.

Por outro lado, os participantes indiretos foram 20 discentes do curso de graduação em Letras - Língua Espanhola que estiveram presentes nas rodas de conversas do minicurso de extensão *Espanhol: Língua e Cultura* promovido por um núcleo de extensão do DLE de uma universidade pública do nordeste do país, via *Google Meet*, no primeiro semestre de 2021. Os demais participantes indiretos foram cerca de 30 (trinta) pessoas de diferentes cursos e *campi* universitários, além da comunidade externa em geral, que foram assistentes da mesa-redonda *Desafios da internacionalização de estudos na formação universitária* durante a Semana Universitária da mesma IES, via *YouTube*, no segundo semestre de 2021. A partir dos diários de campo, a seguir apresentamos os registros oriundos das discussões e vivências das duas intercambistas de um país do Sul Global, na Europa.

#### **4 Intercâmbio no exterior: experiências com e sem bolsa de estudos na Espanha**

Nesta seção, apresentamos as duas experiências de intercâmbio no exterior vivenciadas pelas professoras-pesquisadoras, autoras deste trabalho, a fim de oferecer informações oportunas no que se refere à expansão das possibilidades de capacitação em um país estrangeiro. Primeiramente, abordaremos a experiência sem bolsa integral de estudos. Vale a pena ressaltar que nesta seção do artigo quando se trata de uma experiência individual, o texto está redigido em primeira pessoa do singular.

Antes de passar diretamente ao relato sobre o “intercâmbio sem bolsa”, vale a pena uma pequena digressão acerca da minha experiência escolar. Meus estudos básicos ocorreram por completo em escola pública. Venho de família de baixa renda, como mais de 51 milhões de brasileiros (IBGE, 2019) e, assim, estudar no exterior seria um tipo de qualificação profissional muito distante da minha realidade socioeconômica.

Para ingressar e concluir o doutorado em uma instituição estrangeira sem bolsa integral, tive que planejar cada passo e averiguar estratégias para obtenção de financiamento. Algumas das possibilidades que encontrei foram: empréstimo direto com amigos próximos; inscrição em bolsas de curto período ofertadas pela instituição estrangeira e trabalho temporário com assessoria e aulas particulares durante a formação doutoral no país estrangeiro. Embora essas estratégias tenham assegurado a permanência no exterior, ao mesmo tempo a incerteza econômica foi um fator que trouxe instabilidade e limites para o desenvolvimento de atividades acadêmicas, como participação em congressos, financiamento de cursos de aperfeiçoamento e de idioma, revisões textuais de publicações etc. Por outro lado, a experiência do doutorado pleno no exterior em um país de língua espanhola foi relevante em alguns aspectos, principalmente no que se refere ao valor do intercâmbio linguístico, cultural e nas trocas locais com os nativos e demais pessoas estrangeiras, sobretudo da América Latina, que tive a oportunidade de conviver durante mais de quatro anos morando na Espanha.

É importante mencionar que a escolha do centro universitário para a pós-graduação no exterior é uma etapa complexa, pois envolve diferentes aspectos como contato prévio com o orientador estrangeiro, adequação do projeto à linha de pesquisa escolhida, conhecimento do idioma do país de destino, custo de vida etc. Nesse contexto, a decisão de estudar em Salamanca ocorreu, primeiro, porque a cidade sediou a Conferência das Nações Unidas para elaboração do documento “Declaração de Salamanca: Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas” (ONU, 1994). Essa declaração foi um marco para o movimento de pessoas com deficiência, despertando assim meu interesse em conhecer mais a cidade sede, já que a inclusão educacional é minha área de expertise.

Além do mais, Salamanca é uma cidade universitária com o custo de vida mais acessível se comparada a outras cidades europeias, por isso recebe sempre estudantes e acadêmicos de todo o mundo, sobretudo da América Latina. Assim sendo, a internacionalização universitária constitui-se um dos eixos principais do plano institucional das duas principais instituições universitárias da cidade em

questão: a *Universidad de Salamanca* e a *Universidad Pontificia Católica de Salamanca*. Muitos estrangeiros optam por essa cidade, também, para aprender castelhano, como no meu caso, que vi a possibilidade de me aprofundar nos estudos de um novo idioma como uma das formas de expandir os conhecimentos na minha área de conhecimento.

Outra das vantagens que percebo ao optar pela mobilidade acadêmica, mesmo sem dispor de financiamento ou bolsas que cobrissem os custos completos da minha formação, foi ampliar as redes de conexão acadêmico-profissional, além de realizar a imersão no estudo da língua estrangeira me comunicando com hispanofalantes de diferentes países, não só da Espanha.

O aprendizado da língua em questão me fez optar pela elaboração da tese em espanhol; a motivação de aprender esse idioma passou a ser um fator importante para aprofundar o pouco que eu sabia a seu respeito. Essa escolha linguística também foi decisiva para me conectar com a América Latina e assim ampliar minha percepção e vivência linguística, histórica e geográfica dos demais países latino-americanos. Além disso, durante os anos de residência na Espanha, no contato com estudantes provenientes de outras partes do Sul Global, pude refletir sobre o distanciamento cultural que existe entre estes e o Brasil e como isso interferiu na minha escolha do destino de intercâmbio.

Nesse sentido, Moraes e Leal (2021) chamam a atenção para o fato de que há altas expectativas com relação à formação universitária em países europeus devido à ideia de que os países centrais portam os recursos e os serviços necessários para formar o capital humano qualificado para a América Latina. Tais expectativas, no entanto, vão muito além da questão universitária, pois são frutos da história de colonização e da perspectiva desenvolvimentista que, em grande medida, influencia a busca por formação em nível superior nos países denominados “desenvolvidos” como solução para resolver os problemas dos países da América Latina “em desenvolvimento”. Essa perspectiva dominante cada vez mais torna-se objeto da crítica radical na teoria decolonial (MORAES; LEAL, 2021).

Ainda sobre a aquisição de um idioma estrangeiro, vale enfatizar que a não proficiência de uma segunda língua por parte de alguns estudantes universitários brasileiros é uma realidade, sobretudo os de baixa renda. O limite econômico desses alunos, bem como a ausência ou precariedade do ensino de língua espanhola em algumas escolas são barreiras que dificultam o interesse na realização de intercâmbio em países de hispanofalantes. Por esta razão, é preciso que as universidades públicas incluam em seus planos estratégicos para a internacionalização a facilitação do processo de conhecimento de línguas estrangeiras

com o propósito de preparar os estudantes e os docentes, também da comunidade externa à universidade, para a proficiência em diferentes idiomas. O conhecimento de línguas estrangeiras é fundamental para “fins de comunicação no contexto acadêmico, para o desenvolvimento de pesquisas e escrita de artigos científicos entre os parceiros” (PINTO; GARCIA; SANTOS, 2021, p. 5619). Nesse sentido, a aprendizagem de uma ou mais línguas diferentes da materna não deve resumir a motivações intrínsecas dos estudantes, mas se constituir uma política institucional visando ampliar as possibilidades de internacionalização universitária igualitária entres os diferentes povos e nações.

Como é possível notar, a decisão de estudar no exterior depende diretamente do contexto de vida do intercambista, pois a escolha do país de destino é condicionada por circunstâncias específicas, como a possibilidade de autofinanciamento na formação estrangeira e de identificação de grupos de especialistas estrangeiros que podem contribuir para o desenvolvimento do projeto de pesquisa na área de interesse do pesquisador brasileiro. Com isso, o fortalecimento da decisão de realizar o intercâmbio a partir da análise do contexto de vida particular é um elemento importante na experiência de internacionalização da carreira, assim como também a identificação de redes de pesquisadores internacionais que possam, de fato, colaborar com uma proposta de pesquisa em comum, sem ter como referência apenas o marco desenvolvimentista entre as nações (CARVALHO; SILVA, no prelo).

Ao mesmo tempo, mais do que uma escolha de ordem individual, o intercâmbio acadêmico deve ser parte de uma política institucional para a internacionalização que viabilize aos estudantes que queiram a possibilidade de realizar a formação universitária ou parte dela em instituições estrangeiras. Nesse sentido, possibilitar aos alunos a proficiência no idioma do país de destino é fundamental. Assim sendo, as ações para mobilidade discente e docente devem superar a percepção de escolha individual ou de extensão da formação acadêmico-profissional apenas dos estudantes que dispõem de recursos econômicos para arcar com os custos da formação no exterior. Mais que isso, a internacionalização é uma política institucional com o foco nas demandas locais de todos os discentes.

Seguindo a mesma estrutura do relato sobre a experiência sem bolsa, agora, a exposição recai em uma experiência pessoal de “intercâmbio com bolsa”, portanto segue em primeira pessoa do singular. Assim sendo, começo destacando que meu desejo de realizar estudos no exterior deu-se devido ao fato de eu ser professora de espanhol e atuar como docente desse idioma há mais de dez anos no ensino superior, além das experiências anteriores em escola da

rede básica e em centros de idiomas. Além do mais, ao entender que ensinar e aprender uma língua estrangeira é também, de alguma forma, buscar favorecer a possibilidade de inserção no contexto cultural dos países que têm esse idioma como oficial, sempre procurei interagir com estrangeiros hispanofalantes residentes na minha cidade natal, além de buscar, através da internet, em salas de *chats*, fóruns, videoconferências etc., manter diálogos com pessoas de diferentes países hispânicos, inclusive realizando cursos online a distância durante e após minha graduação universitária. Diante dessa realidade, assim que possível, também busquei participar de congressos acadêmicos na minha área de formação fora do Brasil e realizar cursos no exterior em países como Argentina, Chile e Espanha. Tais experiências que requerem maior planejamento, inclusive financeiro, foram facilitadas, no meu caso, porque consegui bolsas de estudos. Do contrário, a realidade teria sido outra, talvez, com menos possibilidades de participação de eventos e cursos no exterior.

Minha primeira ida à Espanha para estudar, por exemplo, só foi possível porque consegui uma bolsa de estudos da *Fundação Carolina (FC)*<sup>2</sup> destinada especificamente a professores. Na época, desenvolvi estudo, durante três meses, na *Facultad de Filología de la Universidad de Salamanca (USAL)* – Espanha, com todos os gastos (passagem aérea de ida e volta, taxas acadêmicas, seguro de saúde e auxílio moradia) financiados pela Fundação. Tais recursos, concedidos através de seleção de projetos de investigação, foram fundamentais para o bom desempenho durante minha primeira experiência como pesquisadora no exterior, uma vez que meu tempo e foco de trabalho, durante aqueles três meses, foram integralmente dedicados aos estudos que aportaram retorno direto à minha atuação docente como professora de espanhol no Brasil. Além do mais, essa experiência na USAL aumentou ainda mais a minha vontade de seguir estudando, aprofundando-me e capacitando-me para a minha atuação como professora de espanhol em nível superior na formação de novos docentes desse idioma no Brasil. Por isso, planejei realizar o doutorado também na USAL. A escolha por essa

---

2 A Fundação Carolina (FC) foi criada em 22 de setembro de 2000, com o objetivo de promover as relações culturais e a cooperação em matéria educacional e científica entre a Espanha e os países da Comunidade Ibero-Americana de Nações e com outros com especiais laços históricos, culturais e geográficos. Desde o seu início, o núcleo das atividades da FC situou-se no campo da formação de alunos e professores ibero-americanos, promovendo seus estudos por meio de bolsas de pós-graduação, doutorado e bolsas de pesquisa, que cobrem todas as áreas do conhecimento. O enfoque na América Latina se justifica na medida em que o desenho das convocatórias anuais atenda às suas necessidades educacionais, ao mesmo tempo em que fortalece a internacionalização das universidades e centros de pesquisa espanhóis. Informações disponíveis em: <https://www.fundacioncarolina.es/la-fundacion/historia/>. Acesso em: 11 maio 2022.



universidade para o doutorado se deu por eu já ter tido o meu primeiro contato com ela durante a experiência da FC e devido ao fato de a USAL ser uma instituição de referência em estudos linguísticos a nível internacional, sobretudo no tocante ao ensino de espanhol. Além do mais, é a primeira universidade em língua espanhola do mundo com mais de 800 anos de história de excelência.

Após ter escolhido a universidade para o doutorado, o primeiro passo de planejamento para os estudos no exterior foi acessar o site da instituição, pesquisar os programas de pós-graduação existentes, ver em qual linha de pesquisa o meu projeto doutoral se encaixava e que professor teria o perfil para orientar o meu estudo. Nesse sentido, mesmo não sendo obrigatória a escrita de um anteprojeto para ingresso no doutorado da USAL, eu já havia desenvolvido estudos na universidade onde atuo como docente-pesquisadora e quis aprofundá-los no doutorado, o que me fez querer redigir um projeto na mesma linha das pesquisas que eu já vinha desenvolvendo no meu país de origem. Nesse sentido, o envio de um projeto já bem delineado para os possíveis orientadores foi um passo importante que me ajudou a encontrar aquele que orientaria minha tese ao longo dos quatro anos de doutorado.

Paralelamente à formalidade de estabelecer os contatos com a universidade estrangeira, realizando pré-matrícula e matrícula no programa de doutorado escolhido da USAL, a busca por bolsas de estudos era uma necessidade, uma vez que a maioria dos órgãos de fomento à pesquisa, historicamente, não priorizam pesquisas na área de Humanas. No entanto, em 2013, ano no qual fui contemplada com a bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - Ciência sem Fronteiras (CsF)<sup>3</sup> (Doutorado pleno no exterior), a realidade vinha sendo diferente. Há pelo menos três anos até aquele período, existia uma certa mudança de postura do governo brasileiro em favorecer oportunidades similares de financiamento às diferentes áreas do conhecimento. Assim, me candidatei ao *Programa de Doutorado Pleno no Exterior do Ciência sem Fronteiras* vinculado à Capes, que tinha como um de seus propósitos, oferecer bolsas de doutorado no exterior como alternativa complementar às possibilidades ofertadas pelos programas de pós-graduação do Brasil.

Neste sentido, conforme corroboram Silva e Xavier (2021, p. 5590), o Pro-

---

3 O Ciência sem Fronteiras (CsF) foi um programa de pesquisa criado, em 26 de julho de 2011, pelo Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação do governo Dilma Rousseff para incentivar a formação acadêmica no exterior, oferecendo bolsas a alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, e incentivando projetos científicos em universidades de excelência em outros países para promover a internacionalização e a troca de conhecimentos através de programas de intercâmbios. Infelizmente, o programa acabou no ano de 2017, em virtude da crise econômica e política do país.

grama CsF foi um marco importante na política de ações de internacionalização do ensino superior, considerando-se os seus objetivos para o país e o seu grande alcance na formação e qualificação de estudantes, professores e pesquisadores. Devido ao financiamento ofertado pelo programa em questão, ao longo dos meus quatro anos de doutorado, pude, além de realizar as atividades próprias do programa de doutorado da universidade em questão, participar de diferentes eventos e congressos internacionais, ampliando minhas possibilidades de intercâmbio com pesquisadores estrangeiros também de fora da Espanha, especialmente os hispanofalantes da América do Sul.

Além do mais, as experiências vividas, também fora da universidade, no contexto estrangeiro, foram oportunidades únicas de aprimorar o meu espanhol, língua objeto de estudo e de minha atuação como docente.

Vale destacar, por fim, que o investimento na graduação e na pós-graduação no fomento de programas de financiamento para intercâmbio no exterior, como o Ciência sem Fronteiras da CAPES, é um tipo de ação governamental fundamental para a garantia do acesso e da permanência em instituições internacionais – bem como a aprendizagem de idiomas – de estudantes universitários provenientes de famílias de baixa renda. Quando a formação no exterior se torna uma política educacional, há maiores chances de se ampliar o intercâmbio acadêmico-científico e diminuir as desigualdades de acesso a esses tipos oportunidades, uma vez que sendo uma política educacional de internacionalização financiada, o intercâmbio não se restringe a uma escolha de caráter pessoal e privado.

### **Considerações finais**

O aprendizado de uma língua estrangeira cumpre papel importante na construção identitária do indivíduo e da comunidade da qual ele faz parte, na compreensão do outro e sua alteridade, tornando-se igualmente dinâmico e complexo, tendo em vista a pluralidade linguística e cultural que caracteriza as diversas sociedades referentes aos diferentes idiomas existentes. Assim, é preciso considerar que o estudante brasileiro, ao aprender um idioma que não é o seu, como é o caso do espanhol, pode ter acesso a uma nova realidade sociocultural, regida por normas e convenções que podem ser diferentes das que existem no grupo social do qual ele faz parte.

No entanto, muitas vezes, a aprendizagem de um novo idioma é uma oportunidade distante para estudantes das camadas mais populares devido a

diferentes fatores como aprendizagem de línguas estrangeiras insuficiente na educação básica e superior, ausência de recursos financeiros para investir em cursos de idiomas ou em intercâmbio em país estrangeiro. Dessa forma, conforme aparece nas narrativas das duas professoras-pesquisadoras, no presente artigo, a oportunidade de realizar a formação plena do doutorado no exterior foi a chance de integrar-se em uma cultura distinta e apropriar-se de uma língua diferente. Assim, faz-se necessário que a internacionalização seja fortalecida como política educacional para que haja a democratização da oportunidade de estudos e desenvolvimento de pesquisas em países estrangeiros e, ao mesmo tempo, a universidade brasileira torne-se um espaço plural no âmbito da aprendizagem de idioma e outros saberes.

Tratando-se de outros aspectos do intercâmbio, o processo de escolha do destino estrangeiro é uma etapa importante. As narrativas das pesquisadoras demonstram que a escolha da instituição estrangeira envolve diferentes elementos da trajetória universitária como opção de acesso à bolsa de estudo, preferência de idioma ou linha de pesquisa no programa de pós-graduação do exterior, aceitação da orientação por pesquisador estrangeiro, além dos aspectos subjetivos como condições econômicas pessoais e expectativas acerca da qualidade nas instituições de países denominados “desenvolvidos”, especificamente, tratando-se de acadêmicos provenientes da América Latina na Europa. Nesse contexto, vale mencionar, ainda, que a crítica ao distanciamento do Brasil das ações de intercâmbio fora do parâmetro dos países centrais do Norte possibilita a abertura para análise, em estudos posteriores, das relações internacionais entre universidades a partir do marco decolonial com o intuito de desmistificar o fato de que as escolhas dos destinos de formação estrangeira são meramente de inclinação pessoal. Mais que isso, tal eleição acadêmica é resultado de um processo histórico profundo e muito mais complexo de valorização do Norte em detrimento do Sul Global.

Assim, a aprendizagem de um idioma estrangeiro e a formação acadêmico-profissional no exterior contribui para um processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas, pois envolve aspectos culturais, sociais, históricos e políticos. Considerando-se as diversas possibilidades de conhecimentos no processo de aprendizagem de um idioma a partir da imersão em um país estrangeiro – tal como se apresenta nas experiências autobiográficas das pesquisadoras do presente estudo –, a mobilidade estudantil vem popularizando os termos “intercâmbio” e “internacionali-

zação” nas instituições brasileiras de ensino superior e nas diretrizes da Capes, especificamente no que se refere à adequação dessas instituições aos padrões de exigências internacionais para a pesquisa e o ensino.

A mobilidade internacional é parte de programas de financiamento já existentes na Capes como o Doutorado Pleno no Exterior; o Doutorado, o Mestrado e a Graduação Sanduíches através de programas como o *Ciências sem Fronteiras* (CsF). Vemos, no entanto, na atual proposta da guia da Capes, que apesar da precariedade dos recursos de investimentos na educação que levou, entre outras ações, ao fim do CsF, em 2017, a preocupação com a internacionalização, sugerindo o fortalecimento das iniciativas ainda existentes nas universidades brasileiras. Nesse sentido, segue sendo fundamental para as instituições de educação superior públicas do país, o estabelecimento de linhas de frentes para a cooperação em nível internacional entre pesquisadores, projetos e grupos de pesquisa, sobretudo buscando também estabelecer relações com os demais países do Sul Global.

Apesar do caráter genérico da guia da Capes, as reflexões e relatos de experiências de intercâmbio que apresentamos neste artigo, a partir do registro nos diários de campos, partiram do pressuposto da importância de, entre outras coisas, um aprendizado de línguas concebido de modo contextualizado, que priorize os aspectos socioculturais, indissociáveis ao aprendizado de um idioma, o que parece ser estimulado por iniciativas como as de internacionalização promovidas, ainda que de forma tímida, nas instituições brasileiras.

Justamente por acreditarmos no potencial dessas experiências de aprendizagem de línguas de forma mais engajada e contextualizada também para fortalecer os programas de internacionalização, deu-se a iniciativa de tratarmos de experiências de intercâmbios em um país estrangeiro como a Espanha sob as lentes do Sul Global. Inicialmente, para tirar as dúvidas de alunos e da comunidade externa em eventos de uma universidade pública brasileira, e, posteriormente, através deste artigo, no intuito de favorecer relatos acerca das possibilidades de estudos da língua espanhola e de outros saberes durante o intercâmbio.

## Referências

ANDRADE, D. W. de; SEIDE, M. S. Língua e cultura no ensino de espanhol como língua estrangeira: um estudo de caso com duas professoras do ensino público do oeste paranaense. **Entreletras**, Araguaína-TO, v. 7, n. 1, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/>

index.php/entreletras/article/view/2244/pdf. Acesso em: 11 maio 2022.

BONDÍA J. L. Notas sobre narrativa e identidade. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto) biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2244/pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

BRASIL. **Guia para Aceleração da Internacionalização Institucional**: Pós-Graduação Stricto Sensu. CAPES. 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020\\_Guia\\_para\\_Aceleracao\\_da\\_Internacionalizacao\\_Institucional.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020_Guia_para_Aceleracao_da_Internacionalizacao_Institucional.pdf). Acesso em: 19 maio 2021.

CARVALHO; T. L. SILVA; J. S. S. (No prelo). Intercâmbio e internacionalização de estudos Brasil-Espanha: relatos de experiências na UERN. *In*: SILVA, M. J. F.; MESQUITA NETO; J. R. **Extensão e ensino de espanhol**: ações do NECLE em tempos de pandemia. Mossoró: EDUERN.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. **Significado da palavra “intercâmbio”**. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 20 maio 2021.

FADANELLI, S. B.; SILVA, M. V. S. da. A Construção de Habilidades de Aquisição de Vocabulário na Escrita Acadêmica em Inglês com o auxílio da Linguística de Corpus: A Iniciativa do UCS Writing Center. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 4, p. 155-170, 2022.

IBGE. **Dados sobre a situação de renda dos brasileiros**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2021.

MORAES M. C. B.; LEAL, F. G. Globalização, (De)Colonialidade e (Contra)Hegemonia no contexto da Internacionalização da Educação Superior: O Grito Surdo da Academia. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 27, n. 2, p. 313-342. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.316.103166>. Acesso em: 25 maio 2022.

ONU. **Declaração de Salamanca**. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

PINTO, P. T.; GARCIA, D. N. M.; SANTOS, D. C. Ações de internacionalização para o ensino e a pesquisa na área de línguas. **Fórum linguístico**, v. 18, n. 1, p. 5618-5630, 2021.

SILVA, K. A. da.; XAVIER, R. P. Um panorama da internacionalização da educação superior na área do ensino de línguas adicionais e da pesquisa no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis - SC, v. 18 n. 1, jan/mar, 2021.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/23455>. Acesso em: 30 maio 2022.

## **Sobre as autoras**

**Tatiana Lourenço de Carvalho** - Doutora em Língua Espanhola pela Universidad de Salamanca (USAL) - Espanha. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) onde atua na graduação em Letras - Língua Espanhola e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Pau dos Ferros - RN. E-mail: [tatianacarvalho10@yahoo.com.br](mailto:tatianacarvalho10@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9389437501560349>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-7014-0875>

**Jackeline Susann Souza da Silva** - Doutora em Educação pela Universidad de Salamanca (USAL) - Espanha. Professora substituta no Departamento de Habilitação Pedagógica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa - PB. E-mail: [jackelinesusann@gmail.com](mailto:jackelinesusann@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6989520010904438> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9779-7663>.